

Ciência e clínica psicanalítica: sobre o estruturalismo e as estruturas clínicas¹

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Département de Psychanalyse de Paris VIII

Professora Associada I do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica

Pesquisadora do CNPq nível 1 C – Coordenadora do Núcleo de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise –Associação Mundial de Psicanálise

À título de introdução

Esse estudo do seminário XVI foi elaborado durante o curso de Psicanálise e Lógica na pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Ao ministrá-lo, pude extrair alguns eixos principais da nova formalização do campo do Outro, do objeto a e do falo. Nesse artigo vou tratar desse momento da passagem do estruturalismo fundado na lingüística, para a lógica dos quatro discursos. As vantagens econômicas dessa formalização serão evidentes somente no próximo seminário intitulado: “O avesso da psicanálise”. Esse estudo não é, por essa razão, exaustivo. Acredito, entretanto, que ele funciona bastante bem como introdução a esse momento do ensino de Lacan.

Em defesa do estruturalismo

Lacan é ou não estruturalista? Essa é uma questão controvertida e vamos nos limitar a precisar sua adesão à tese althusseriana de que Freud e Marx seriam estruturalistas, *avant la lettre*.

Em resposta aos acontecimentos de maio de 1968, momento da nossa história recente em que se pretendeu combater todas as formas de autoridade, Lacan redefine a

¹ Ensaio sobre o Seminário Livro XVI de Jacques Lacan, D’ un Autre à l’autre Paris, Seuil, 2006, estabelecido por Jacques Alain Miller

essência da teoria psicanalítica como um discurso sem palavras. É uma resposta forte, firme, em defesa do estruturalismo. Seu principal argumento é que os representantes da autoridade podem ser destituídos mas, a autoridade da estrutura, do significante oracular, do mestre, da primazia da origem, não podem sofrer o mesmo destino. Contra aqueles que combatem o estruturalismo, e alegam que a imprevisibilidade dos acontecimentos históricos não pode submeter-se a nenhuma determinação inabalável, Lacan não opõe uma ideologia, nem uma de visão de mundo, mas o real. Lacan é realista e não historicista.

Em nosso campo não há nenhuma harmonia, nenhuma correspondência do sujeito consigo próprio, nenhuma *Selbstbewusstsein*. As ambições dos movimentos sociais de maio de 1968 anunciam o mal estar da contemporaneidade: a cultura do narcisismo, onde a recusa do inconsciente impõe ao sujeito a tarefa impossível de "ser si mesmo". No lugar da autoridade sagrada da transmissão do saber pelo mestre, veremos crescer depois deste momento a redução do saber ao diploma universitário. Desde o advento da ciência, esse é um momento em que, na civilização, surgem efeitos inéditos no que se refere às relações do sujeito com o saber.

Com base na diferença do estatuto do saber, Lacan propõe uma definição rigorosa da diferença entre a modernidade e a contemporaneidade. Com a Revolução francesa nasce o real da psicanálise, juntamente com o sujeito da ciência, sujeito sem qualidades. Com os movimentos de maio de 1968, o saber se torna uma mercadoria que se compra e que se vende. O saber entrou no mercado e, desde então, circula desvinculado do peso da autoridade daquele que o transmite. Podemos falar de uma separação entre a veiculação do saber e o poder do mestre. Uma nova configuração das relações entre saber e poder, entretanto, se anuncia. O saber desencarnado se propaga graças a uma nova aliança com o poder. Trata-se do poder anônimo, acéfalo da pulsão.

De que real se trata no realismo lacaniano? Antes de tudo, o da castração. Lacan recomenda consultar o Gênesis pois, encontraremos nas escrituras o seguinte fundamento da castração: Deus os criou, homem e mulher. Ao nomeá-los assim, o real da diferença sexual, surge do corte operado pelo discurso. O passo de Lacan é vincular esse real ao impossível em jogo no surgimento da lógica matemática. A consistência lógica depende de um ponto indecidível, impossível de representar, sobre o qual não é possível dizer se é verdadeiro ou

falso. A ciência, desse modo, inscreve-se também sob o axioma da castração: não há relação sexual. O saber da ciência moderna resulta de uma criação ex-nihilo, pois o fundamento da razão é sempre é um artifício, efeito de um ato criador.

Podemos perceber claramente esse laço entre o real impossível de representar e a verdade fantasia. É preciso partir do fato de que não há relação entre homem e mulher, em que a castração não determine, a título de fantasma, a realidade do parceiro (a mulher) em quem ela é impossível. Igualmente, a castração é uma espécie de abrigo, pois é a verdade do parceiro (o homem) a quem ela é poupada. Em um, (a mulher) a impossibilidade da efetuação da castração é determinante de sua realidade, no outro, (o homem) a pior ameaça de castração, é que ela não precisa ocorrer para ser verdadeira.

O estruturalismo lacaniano, neste seminário, prepara o caminho da formalização de uma teoria dos discursos, cuja forma acabada desponta no seminário XVII. O estruturalismo é compatível com a psicanálise porque leva a sério a divisão do sujeito, supõe um saber desconhecido do sujeito, inconsciente, como causa do pensamento. É por essa razão que a essência a teoria psicanalítica será definida nesse seminário, como um discurso sem palavras, isto é, função de discurso sem palavras.

Discute-se muito o papel da teoria em psicanálise. Muitos psicanalistas defendem que a clínica é soberana. Acreditam que a teoria é uma elucubração discutível, pois o real não estaria aí. Lacan não acredita que não é preciso fazer teoria, ou que fazer teoria é impossível. Sua resposta ao problema da articulação entre teoria e prática, à guisa de comentário, nos impõe operar a seguinte disjunção entre: o saber no plano da estrutura (em jogo nas montagens da pulsão) e o sujeito suposto saber (em jogo no inconsciente). A verdade não é o real. A verdade está no campo dos fantasmas que se erigem como defesa contra o real. Quanto mais algo se apresenta na experiência como verdadeiro, menos é real. Esse é um bom critério objetivo para abordar o laço indissociável entre o dizer e o fazer na experiência analítica.

Uma nova abordagem das estruturas clínicas: pulsão, sexuação e sublimação

Com base nesta diferença entre o verdadeiro e o real podemos distinguir as

manobras para manter-se à distância do gozo na histeria e na neurose obsessiva.. O real sexual é traumático para homens e mulheres. Tal como Freud articulou, o encontro com a diferença sexual, desperta a o desejo de saber. O desejo de saber precipita o sujeito nas armadilhas das verdades fantasmáticas. São as interpretações da diferença sexual com base na hipótese da castração que virão ao primeiro plano. A força do verdadeiro pode ser medida pelo fato que, embora seja impossível castrar uma mulher, sua realidade é definida como castrada. É também o que contamina a virilidade pois, não é preciso que a ameaça de castração se efetue para que todo homem se convença de sua verdade.

Lacan nos apresenta uma nova teoria da neurose que desloca o eixo da constituição subjetiva da verdade dramática do complexo edipiano, para o real traumático do complexo de castração. Essa nova teoria enfatiza as manobras de um sujeito para colocar-se à distância da castração. O gozo é elevado ao absoluto, na defesa da histérica. O obsessivo, por sua vez, reluta em sacrificar a vida em benefício do significante. Não se tomar pelo mestre e não se tomar pela mulher, são manobras defensivas próprias ao neurótico obsessivo e à histérica. O desejo de saber é uma manobra para evitar o encontro com a castração. Cada um, respectivamente, constitui o mestre e a mulher, como um sujeito suposto saber.

A verdadeira natureza do sexual é a conjunção da distância em relação ao gozo com o desejo de saber. De que saber se trata? Daquele que depende da castração, do objeto que não se pode ver: o sexo feminino. A sublimação é a via que a espécie humana precisa tomar para abordar esse objeto que se insinua no campo do significante. É nesse campo que o saber, o desejo e o gozo dependem estruturalmente do furo.

O campo do discurso funda-se num ato de fé. Disto resulta que o sujeito de que se trata nesse campo, somente pode ser suposto. O que chamamos de inconsciente, é uma verdade sobre a qual não podemos saber nada. É falso, entretanto, dizer que nada da experiência analítica pode ser ensinado e doutrinar-se como saber. Lacan admite que, sob um certo ângulo, dizer que a psicanálise é uma ciência sem o saber, é verdade. No nível do saber analítico, que enunciou a relação primitiva do saber com a sexualidade, seria precipitado deduzir que se trata de um saber sobre o sexo. O saber sexual, abordado na psicanálise, diz respeito ao interdito que pesa sobre o saber. Abordamos o saber sexual por esse ponto onde

o interdito pesa. Por isso, os primeiros escritos de Freud sobre o inconsciente colocam o acento sobre a função da censura.

Esse interdito se exerce como se afetasse algo, esse lugar onde isso fala, onde isso confessa que está preocupado com a questão do saber. Preocupado, no sentido da *Besetzung* (*investimento*) freudiana. Isto é, já ocupado. O que pode querer dizer esse saber cuja marca, num certo nível de verdade, define-se assim: o que menos sabemos é este saber que nos pré-ocupa? O desejo de saber nasce da curiosidade sexual, na medida em que pesa sobre ela, uma interdição.

A psicanálise descobriu, ainda que sob a forma do mito, alguma coisa acerca dos meios de produção de uma satisfação. Descobriu que existe um saber que se estrutura por meio de montagens, as pulsões. Quando articulamos teoricamente um comportamento como o funcionamento da pulsão oral, da pulsão anal, da pulsão escopofílica ou da pulsão sadomasoquista é para dizer que alguma coisa, neste nível, se satisfaz. Quem se satisfaz com isso? Seria ainda o sujeito do inconsciente? Ou seria o sujeito, em última instância, uma espécie de instrumento em funcionamento, um órgão? O campo da satisfação é, afinal de contas, um campo limítrofe entre o significante e o corpo. Certos órgãos do corpo, ambíguos e difíceis de circunscrever, entram numa montagem significativa em consequência de suas características anatômicas: são peças destacáveis do corpo e, graças a essa particularidade anatômica, prestam-se ao jogo simbólico e à função de suporte instrumental da satisfação pulsional.

Como definir essa satisfação? Alguma coisa pulsa nessas montagens, e o processo analítico visa desmontá-las. A pura e simples desmontagem, seria ela terapêutica? Na prática, não é tão simples assim pois, em seu horizonte inscreve-se o sexual. As pulsões tem a função de aparelhar esse algo, que é o sexual. Por quê designar o sexual como um horizonte? Porquê não é certo que haja um ato sexual. Tomado no sentido estrutural, não há ato sexual. Interrogamos a satisfação como essencial à pulsão, e somos obrigados a deixar em aberto esse ponto, pois o centro de nossa interrogação é: a que satisfação, o saber, ele próprio, corresponde? O horizonte do desejo sexual, em psicanálise, é o saber inconsciente.

O saber é idêntico a esse campo do *saber o que fazer nele*. É muito mais um

saber estar aí, saber se virar. A descoberta freudiana avança “que podemos estar aí sem sabermos que estamos aí, além de nos assegurarmos ao máximo de não estar aí, e de estarmos noutra, noutro saber, é justamente quando estamos aí em cheio.” (Lacan, 1968/69: pag. 208) É por esse viés que a psicanálise se interessa em colocar em questão o saber. Não é pelo viés de uma verdade qualquer, nem de uma ontologia. Onde quer que estejamos, e funcionemos, nosso horizonte é o sexual. A psicanálise não se pergunta sobre a verdade da coisa, porquê não é possível sair do discurso.

Alguns marxistas perguntam-se se a psicanálise poderia subscrever a teoria da exploração social. Lacan lhes dá razão, num certo sentido. Somos habitados, explorados pelo discurso. O único problema é que não sabemos quem é o explorador ou como fazer uma revolução. Quem é o mestre, de quem seríamos os escravos? O campo do discurso é uma tolice com a qual ninguém lucra, ao menos aparentemente.

Lacan observa que a lógica do significante é apropriada para passar nessa fronteira entre os diferentes campos de saber. Referindo-se, sem citar explicitamente, a Althusser, observa que isso foi melhor compreendido entre os marxistas do que entre os psicanalistas. Entretanto, a adesão à formalização pura não assegura nada, pois deixa à margem a questão do que vem a ser o desejo de saber. O saber é, justamente, o que falta à verdade. É, justamente, o que coloca em falso toda lógica que se vale da oposição entre verdadeiro e falso. Somente no universo cosmológico e fechado essa oposição entre verdadeiro e falso é válida. No universo infinito, aquele que se abriu com o advento da lógica matemática, até dois e dois podem não ser quatro e sim três. Tomemos como exemplo: duas laranjas, mais uma banana e uma maçã, quantas frutas são? Se tomamos como critério a qualidade, são três. Se tomamos como critério a quantidade, são quatro.

A verdade é apenas o desejo de saber e nada mais. Podemos então colocar a seguinte questão: e se existisse uma verdade antes do desejo de saber? Eis porque voltamos à pulsão. A pulsão é mitológica, tal como Freud a definiu. O que não é da mesma ordem que a suposição de um sujeito que se satisfaz. Essa suposição exige que haja, na pulsão, um certo saber sobre seu caráter de lugar tenente do sexual. Mas, nós não sabemos absolutamente nada sobre o que quer dizer ser o lugar tenente do sexual. A idéia mesmo do sexual pode ser um efeito de passagem do que está no coração da pulsão, a saber, o sexo

feminino, o objeto a . Eis porquê, pode-se dizer que a pulsão comporta um certo saber. O objeto feminino – que é aquilo que se subtrai ao campo do olhar - vem tomar nesse interior um valor privilegiado. No lugar do objeto invisível, desfilam as máscaras que não apenas são objetos ilusórios porquê o gozo está aí. A teoria e a prática da psicanálise são realistas. Na prática psicanalítica o gozo, a satisfação, não é inefável. Nos enunciados de Freud o gozo é uma constante, é o real, que retorna sempre ao mesmo lugar.

Este gozo é promovido graças à exclusão do objeto que representaria a natureza feminina. As outras espécies não precisam dele para atender as necessidades da reprodução. Além do Falo, há outros aparelhos de gozo na natureza que não são tumescentes/detumescentes. A psicanálise não é naturalista, nossos aparelhos, as pulsões, estão imersos num banho de significantes. A sublimação é, por essa razão, um modo de satisfação da pulsão. A pulsão é *zielgelhemt*, isto é, desvia do fim sexual. Este fim está articulado fora do aparelho da pulsão. Formigas e abelhas, em sua estrutura social, não visam senão a realização da relação sexual. Quanto às nossas sociedades, na medida em que sua finalidade se ordena em torno do significante, estão distantes de poder realizar um tal objetivo.

Freud chegou a tudo isso graças a mulher. Somente a histórica coloca o gozo em ordem, na medida em que o eleva ao absoluto. A histórica desvela a estrutura lógica da função do gozo. Se ela o coloca assim, como boa teórica, o faz às suas expensas. Quando o gozo é elevado ao absoluto, ela é rejeitada desse campo como mulher e, somente comparece como desejo insatisfeito. Essa posição é sensível no desdobramento lógico da experiência analítica. É sempre mais além do gozo como absoluto, que todas as determinações articuladas do desejo encontram seu justo lugar. Não se trata de acaso das origens. Não foi um mero acidente histórico, o fato de que as históricas estavam no ponto onde a incidência da fala poderia colocar em evidência esse furo. O grande enigma, em jogo na exclusão do objeto do gozo, é saber o que quer uma mulher. Inclusive porquê essa é uma maneira deslocada de apreender o que quer um homem. A teoria analítica se desenvolve do ponto de vista dos homens, porque são mais desorientados no campo do gozo. Somente as mulheres históricas entendem alguma coisa sobre o verdadeiro objeto sexual.

Como o objeto do gozo é irrepresentável, o enunciado do inconsciente porta a

marca da falta de saber. Não sabemos nada acerca deste absoluto. Por isso é um absoluto. Não está ligado ao enunciado e sim à enunciação. Essa tese não é nova. Desde o seminário VII, Lacan insiste sobre a exterioridade de *das Ding* (a Coisa) ao campo das representações. Sabemos que *das Ding* não é da mesma ordem que *die Sache* (as coisas). A novidade é que Lacan eleva também o Falo à dignidade do gozo absoluto. Agora, o Falo e a Coisa são equivalentes em seu valor de referentes absolutos do gozo, para o homem e para a mulher. Podemos concluir que a Coisa e o Falo são igualmente irrepresentáveis. Logo, tanto o homem quanto a mulher precisam fazer um esforço a mais para conformar-se como convém ao seu sexo. Tanto o símbolo quanto o objeto são exteriores ao campo do saber inconsciente.

Por esta razão, o obsessivo se refere ao modelo do mestre. Ele não se toma pelo mestre, ele não pode ser o mestre. Assim, ele supõe saber ao mestre. Para o obsessivo, o mestre sabe o que ele quer. De modo análogo, a histérica se refere à mulher. Ela não consente em ser o objeto causa do desejo. Ela acredita que há uma outra mulher que sabe o que é preciso para sê-lo. A outra mulher é o sujeito suposto saber para a mulher histérica.

Não sabemos o que é uma mulher, nem muito menos, o que é um mestre. A histérica precisa do *phallus* como suporte do Um da identificação. Entretanto, ela divisa em seu horizonte o Outro como um conjunto vazio, um corpo esvaziado do gozo. Se o sujeito mestre aposta sua vida, a mulher histérica aposta seu gozo. Esse gozo, não é o seu gozo próprio, pois este é inaugural e existente para ela. O gozo que ela aposta, é aquele que ela obtém sendo o objeto que satisfaz o gozo do homem. O nó da questão do gozo histérico é que ela está presa a alguma coisa, tal como o mestre ao escravo. Para a mulher, o gozo do homem, desempenha o mesmo papel que a morte para o obsessivo. É igualmente inacessível. Não é verdade que ela se identifica ao homem. Isso é tão falso quanto dizer que o mestre identifica-se com a morte.

Os escravo está enlaçado com a morte, somente subsiste graças à sua relação com ela, pois é o que faz com que todo seu sistema subsista. Do mesmo modo, a relação da mulher com a castração dá consistência, aparelha o gozo. O ser da mulher conecta-se ao campo do significante graças à dimensão de uma certa necrofilia, de um erotismo aplicado ao corpo morto. Sobre isso, Lacan já tinha desenvolvido alguma coisa em torno de Antígona e volta a fazê-lo aqui, citando o caso de Jeanne la Folle, personagem que arrasta durante

quinze dias o cadáver de Philippe le Beau.

Assim como o obsessivo não se toma pelo mestre, a histérica não se deixa confundir com a mulher. Em sua relação ao sujeito suposto saber, ela pretende que há uma mulher que sabe o que é preciso para que o homem goze. Desse modo, aquilo que sustenta o sujeito mulher, leva sempre à castração do homem. O gozo da mulher implica detumescência do falo. A função mulher, entretanto, não sabe nada disso. A histérica, ao contrário, não ignora nada, e eis porquê ela demanda outra coisa mais além desse ponto que é a detumescência fálica. A histérica supõe que a mulher sabe, ainda que inconscientemente, alguma coisa que ela, histérica, não alcança.

Os dois modelos, o da histérica e o do obsessivo, se equivalem. O ponto central de toda a neurose é a morte. A histérica banca o homem que suporia saber à mulher. Por essa razão, a neurose histérica eclode quando entra em jogo a morte do homem. O problema das histéricas é que elas acreditam que há alguém que conhece as verdades escondidas. É preciso que deixem de representá-las na própria carne. Para tanto elas precisam separar-se dessa crença pois o saber em jogo na pulsão, não se sabe.

A eclosão da neurose corresponde a esse engajamento de um sujeito, confrontado ao traumatismo da castração, na via da suposição de saber. Todo neurótico é, espontaneamente, um analisando. Justamente, o trabalho analítico precisa separar o saber da pulsão - em jogo no furo da estrutura - do saber inconsciente - em jogo naquilo que falta ao sujeito suposto saber. O neurótico é um sintoma da coalescência da estrutura com o sujeito suposto saber. A estrutura, só podemos capturá-la no ponto onde o sujeito suposto saber fracassa pois nem o mestre, nem a mulher, sabem o que fazem.

A análise gira em torno desse corte subjetivo. A histérica supõe que a mulher sabe o que ela quer, no sentido de: o que ela desejaria. Eis porquê ela não consegue identificar-se à mulher, senão por meio de um desejo insatisfeito. Do mesmo modo, o obsessivo, serve-se do mestre para fingir que a morte só atinge o escravo. Assim ele se identifica ao desejo do mestre como impossível.

A aposta de Pascal e a promessa de felicidade

Esse seminário empresta conseqüências analíticas à aposta de Pascal (pags. 107-120), para apreender as posições do sujeito diante do gozo. Por meio desta aposta de Pascal, Lacan procura formalizar o que vem a ser, em última instância, a renúncia ao gozo. Uma leitura sutil da alma do homem moderno, permite apreender todo um cálculo das posições subjetivas possíveis nas apostas acerca de se Deus existe, ou não. Em torno dessa aposta gira o consentimento à renúncia ao gozo da vida que se tem, para arriscá-lo e, talvez ganhar uma infinidade de vidas infinitamente felizes. Logo, o fundamento da renúncia ao gozo é equivalente à disposição em investir no campo das identificações em busca de uma infinidade de formas de felicidade. O sofrimento neurótico não pode ser separado de sua demanda insaciável de felicidade. Se a histérica não se deixa confundir com a mulher e o obsessivo não se toma pelo mestre é porquê descobrem na renúncia ao gozo, a fonte de uma outra satisfação, mais além do princípio do prazer. O gozo do neurótico aloja-se nesse ponto onde ele se nega a gozar do que ele é ou do que ele tem, para satisfazer seu desejo enquanto desejo de saber. O neurótico crê em Deus, sujeito suposto saber, em que se funda a hipótese do inconsciente. " A hipótese do inconsciente, Freud o sublinha não se sustenta sem o Nome-do-Pai. Supor o Nome-do-Pai, por certo, é Deus."(Lacan, 2005: pag. 136)

Não podemos saber, nem se Deus existe, nem o que é que ele é. Trata-se sempre de uma aposta, de um ato de fé. Quem aposta na sua existência, engaja-se numa promessa, imputada à Deus, de uma infinidade de vidas, infinitamente felizes. Essa aposta exige que o sujeito decida se vale, ou não, à pena arriscar a própria vida. O que é que vale mais? A vida que se tem ou uma infinidade de vidas possíveis? Um pássaro na mão ou dois voando?

Vamos partir do Outro (A), como o campo do discurso. Digamos que um sujeito aposta que Deus existe. Se apostamos que A existe, ou, se pretendemos que ele não existe, temos uma alternativa. Se A existe, a vida que se vive, tal como ela é, se reduz a zero e torna-se apenas uma variável numa equação. Quando arriscamos nossa vida, começamos por perdê-la tal como ela é. É disso que se trata na renúncia ao gozo. Do gesto de tratar a própria vida como um capital que se pode acumular, investir e especular visando ganhar outra coisa, uma coisa à mais.

Vamos examinar o que acontece quando o sujeito aposta que Deus não existe. Se A não existe, não se abre o campo do discurso como promessa de algo a mais. Se não há nada depois da morte, temos aí um zero que não quer dizer nada. A aposta redundante na anulação do infinito. Na aposta de Pascal, o jogo é idêntico à promessa. Quando a promessa é enunciada, abre-se uma matriz de possibilidades. Assim, o sujeito que resulta da conjunção de significantes não pode ser idêntico a si mesmo ($1=1$), disso resulta uma perda, uma divisão do sujeito. Na partida, o zero é necessário para que a série infinita dos números inteiros se produza. É preciso que o valor da vida em si, que Lacan nota com a letra **a**, se reduza ao zero ($a=0$). Pascal argumenta: não se perde senão zero, pois os prazeres da vida não valem nada diante do infinito que se abre. Não sabemos se o infinito existe, nem o que ele é. Esta série infinita podemos escrevê-la assim: 1 mais o "a" ($1+a$). Veremos surgir aí aquilo que Freud chamou de um princípio "mais além do princípio do prazer": a compulsão à repetição. É essa aposta que funda a estrutura, o saber acéfalo da pulsão.

Quando o eu se engaja no campo do discurso, movido pelo desejo do Outro, pela aposta que Deus existe, engendra-se um efeito de revelação, de graça, tal "que seja feita sua vontade", que o conduz à desidentificação.

Exploremos um pouco mais as seguintes matrizes:

$$\begin{array}{ll} \langle 0, \% \rangle & \langle a, - \% \rangle \\ \langle -a, 0 \rangle & \langle a, 0 \rangle \end{array}$$

- 1) Deus existe. Para um sujeito suposto saber, escrevemos o par $\langle 0, \% \rangle$ num dos quadrados da matriz. Eu sou, não apenas suposto saber mas, à favor...
- 2) Supondo saber que Deus existe, sou contra e, na escolha entre "a" e uma infinidade de vidas, infinitamente felizes, eu perco, deliberadamente, o infinito. É o par $\langle a, - \% \rangle$
- 3) Há o caso em que eu sou suposto saber que Deus não existe. Quanto ao "a", eu posso investi-lo e perdê-lo, simplesmente? Seja $\langle -a, 0 \rangle$. É da natureza de "a" ser de perda. Tratando-se de um jogo, em que eu não conservo o pequeno a senão ao preço de menos infinito $\langle - \% \rangle$, é legítimo perguntar se vale à pena conservá-lo ou gastá-lo. Há os que o

conservam ao preço de perder uma infinidade de vidas infinitamente felizes <-%>. Há os que esbanjam o "a" sem a menor preocupação com a imortalidade da alma. São os sábios, os pais, os avós, todos aqueles cuja posição subjetiva se apóia no ideal.

- 4) Há os que conservam o "a" e dormem. O que espanta nesta conjunção <a, 0> é a coerência que resulta do sujeito suposto saber. Ela é feita de um pouco de indiferença? Deus existe, eu aposto à favor, mas eu não sei muito bem o que ele é. Deus não existe, eu aposto contra, mas, isso não é a mesma coisa que uma aposta. Justamente porquê não se trata, nesse caso, de um ato de fé. Na diagonal que vai de <0, %> a <a, 0> tem gente tão segura de sua posição que, para elas, não há nenhuma aposta à fazer. Eles vão em frente com aquilo que elas já sabem. O que é, então, o saber para esses sujeitos? Nada, tanto que os que não sabem nada podem ser um caso único.

Os efeitos da crença em Deus não devem ser medidos na esfera dos bons costumes. Freud observa que a crença dos cristãos não os faz comportarem-se melhor do que aqueles que não crêem. A partida se joga no campo das relações do sujeito com o saber. Na posição de um sujeito purificado, surge o imprevisto daquele que aposta contra, argumentando que ele sabe que é. Há o caso daquele que aposta à favor como se ele fosse, coisa que ele sabe muito bem não ser. Imaginem que esse *menos infinito* (- %) que aparece na casa no alto, à direita, se traduz nos escritos de Pascal como o inferno. O que é o inferno senão o dia-à-dia, o cotidiano que enfrentamos aqui mesmo e que chamamos de "a realidade".

A função de "a" nos conduz para longe dessa realidade enfadonha, rumo à uma fantasia discutível de que existe alguma coisa depois da morte, graças ao seu deslizamento infinito. Se tomamos como objeto **a**, aquilo que a renúncia de Pascal põe em jogo, haverá tanto infinito aqui, onde esse jogo de "a" reencontra um limite, quanto lá onde ele não reencontra. É um semi infinito que apostamos. Pois, se a misericórdia de Deus é maior que sua justiça, ele escolhe alguns eleitos. Por essa razão não estamos todos, igualmente, no inferno. Pois o inferno é aqui mesmo. Elevar o gozo ao absoluto tem seu preço, paga-se com a neurose. O sofrimento neurótico é a felicidade de gozar de uma infinidade de vidas infinitamente felizes.

Da renúncia ao gozo ao mais de gozar

Esse breve revisão do seminário XVI ensina a levar em conta o estruturalismo, de molde a relançar as relações das estruturas clínicas na psicanálise com a ciência. A investigação psicanalítica nos permite dizer que Marx parte da função do mercado, ao enunciar a questão seguinte: qual é o objeto do capital? A novidade do marxismo é o lugar onde ele situa o trabalho. O discurso de Marx demonstra que o trabalho é comprado, que há um mercado do trabalho e por essa razão, esse mesmo discurso inaugura a função da *mais valia*. Quer os comentadores de Marx sejam estruturalistas ou não, eles parecem ter demonstrado bastante bem que Marx é estruturalista. Pois, no ponto em que Marx circunscreve a predominância do mercado de trabalho, destaca-se como causa do seu pensamento a função obscura da mais valia.

A investigação psicanalítica permite apreender a identidade de um discurso às condições de sua produção. Marx e Freud estabelecem as condições de possibilidade do surgimento de algo, na civilização, que vai além da satisfação das necessidades. A produção de um excedente – que não serve para reproduzir a força de trabalho – engendra a acumulação do capital, fazendo surgir o lucro, a mais valia. Foi esse mecanismo, em jogo no capitalismo nascente, que Marx decifrou. Freud, por sua vez, elucida a relação da civilização moderna com o gozo. Desvenda o laço entre uma renúncia ao gozo, aparentemente inútil aos propósitos da civilização, com a emergência da compulsão à repetição, mais além do princípio do prazer.

Tanto quanto o trabalho não era algo novo na produção da mercadoria, a renúncia ao gozo – que define a relação de trabalho – não é nova. Freud [1930 (1929)]² apreende as relações entre a renúncia ao gozo e o mal estar moderno na civilização. Compulsão à repetição: quanto mais renunciamos, mas somos impulsionados a renunciar. O que é novo, nessa articulação, é que existe um discurso que articula esta renúncia ao sofrimento do sujeito. Freud precisa que o aumento das exigências da civilização se paga com a neurose.

Lacan vai mostrar a outra face da renúncia ao gozo, o gozo a mais que ele

formaliza por meio da função do objeto a. A função deste mais de gozar, que entra em jogo na relação do sujeito ao significante, é a essência do discurso analítico. A neurose não é o negativo do gozo. O neurótico não é aquele que goza de menos. Ao contrário, o que esse seminário permite apreender melhor é o gozo a mais do neurótico. Na medida em que o saber da pulsão se desvencilha dos objetos parciais da satisfação, seu circuito se estrutura em torno de um furo. Surge o desejo de saber e o gozo a mais com a falta. O lucro que se extrai é o do sujeito suposto saber do inconsciente. A histérica goza da outra mulher, como sujeito suposto saber o quer um homem. O obsessivo, por sua vez, lucra supondo ao mestre um gozo impossível. O ponto de vista estruturalista permite apreender a relação estreita dos discursos de Marx e de Freud com a ciência que se funda na lógica matemática. O gozo a mais, lucro do neurótico tem o mesmo estatuto que a mais valia, lucro do capitalista. Quando Freud comparou o eu ao empresário, ao capitalista não foi apenas uma força de expressão.

BIBLIOGRAFIA

Abelhauser, A, Cette phrase contient quatre erreurs, in: L'anti livre noir de la psychanalyse, org. Majoub, L et Alberti, L., Paris, Seuil, 2006
Coelho dos Santos, T. Quem precisa de análise hoje? , São Paulo, Bertrand Brasil, 2001

_____ et al, Um tipo excepcional de caráter in: Psychê Revista de Psicanálise, Ano IX – numero 16, dezembro de 2005

_____ A prática lacaniana na civilização sem bússola in: Coelho dos Santos, T. (org.) Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada, Rio e Janeiro Contra capa, pags. 61-92

Freud, S. (1933) A questão de uma Weltanschauungen da psicanálise, ESB, vol XXII, 1972

Freud, S. [1930 (1929)] Mal estar na civilização, ESB volume XXI, RJ, Imago Eds, 1976

Foucault, M. História da Sexualidade I, A vontade de saber, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1977

_____ História da Sexualidade II, O uso dos prazeres, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1984

_____ História da Sexualidade III, O cuidado de si, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1985

² Freud, S. [1930 (1929)] Mal estar na civilização, ESB volume XXI, RJ, Imago Eds., pags 81-178

Lacan, J. (1953) Fonction et champ de la parole et du langage, in: Écrits, Paris, Ed. Seuil, 1966a
----- (1965/66) La science et la vérité in: Écrits, Paris, Ed. Seuil, 1966b
----- (1968/69) Le Séminaire Livre XVI, D'un Autre à l'autre, Paris, Ed. Seuil, 2006
----- (1969/70) Le Séminaire Livre XVII, L'envers de la psychanalyse, Ed. Seuil, 1991
----- (1975/76) Le Séminaire Livre XXIII, Le Sinthome, Ed. Seuil, 2005
Miller, J. A La politique lacanienne, École de la cause freudienne, EURL, Huysmans, Paris, 1997/98
_____ Le neveu de Lacan, Paris, Verdier, 2003
----- Pièces Détachées in: La Cause Freudienne, Paris, Navarin Eds., numero 62, fevereiro de 2006
----- Uma fantasia in: Opção Lacaniana, Revista internacional de psicanálise, numero 42, 2005: pags. 7-18
----- A era do homem sem qualidades, in: aSEPHallus, Revista do Nucleo Sephora de Pesquisa, www.nucleosephora.com/asephallus